

ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO:

As estratégias de inclusão no contexto pedagógico*

STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER:

inclusion strategies in the pedagogical context

Vanessa Thays Silva Farias**

Lillian Raquel Braga Simões***

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo investigar as estratégias de inclusão que os professores atuam com seus alunos que possui o transtorno do espectro do autismo, na perspectiva de uma educação inclusiva, pois sabe-se que o autista faz parte do grupo de pessoas com transtorno de neurodesenvolvimento, exigindo assim uma educação especial e inclusiva para o desenvolvimento de habilidades. Nesse caso o professor, é visto como mediador de conhecimento onde necessitam de maiores informações a respeito destes alunos, que apesar de apresentarem alguns comportamentos severos, podem desenvolver muitas habilidades. Sendo o docente responsável pela aprendizagem desse aluno, terá que ter uma formação continuada para atender de forma integral, fazendo esse alunoter uma participação inclusiva na sociedade.

Palavras-chave: TEA, estratégias de inclusão, contexto pedagógico.

ABSTRACT

This article aims to investigate the inclusion strategies that teachers use with their students who have the autism aspect disorder, from the perspective of an inclusive education, since it is known that the autistic is part of the group of people with autism disorder. neurodevelopment, thus requiring a special and inclusive education for the development of skills. In this case, the teacher is seen as a knowledge mediator where they need more information about these students, who, despite having some severe behaviors, can develop many skills. As the teacher is responsible for the student's learning, he/she will have to have continuous training to provide comprehensive care, making this student have an inclusiveparticipation in society.

Keywords: TEA, inclusion strategies, pedagogical context.

1 INTRODUÇÃO

Após longo período de lutas sociais, as pessoas com transtorno têm conquistado no Brasil o direito à uma educação mais inclusiva. A legislação brasileira atual assegura o sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino nas instituições públicas e também nas privadas, com condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem (BRASIL, 2015).

*
**

Na concepção de Carvalho (2010), a educação inclusiva já é uma realidade, sendo inadmissível ignorá-la e tornando necessária uma reconfiguração da escola, abandonando o padrão do aluno ideal e buscando a aceitação do diferente. O autor entende que “somos diferentes e queremos ser assim e não uma cópia malfeita de modelos considerados ideais. Somos iguais no direito de sermos, inclusive, diferentes” (CARVALHO, 2010, p.23).

Portanto, para Carvalho, incluir não significa apenas juntar várias crianças diferentes em uma mesma condição, pois corre-se o risco de, a partir daí, praticar-se uma perversa exclusão, uma vez que o simples estar fisicamente em um lugar não quer dizer que se faça parte dele (CARVALHO, 2010). Além da inserção física, é imprescindível que todos os estudantes sejam favorecidos com a inclusão social, e ainda, na aprendizagem, exercitando o desenvolvimento e a plena cidadania. E dentre as crianças que necessitam do acolhimento e inclusão na escola regular, estão os alunos Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Autismo vem da palavra de origem grega "autos" cujo significado é "próprio ou de si mesmo", caracterizado como um distúrbio neurológico que surge ainda na infância, causando atrasos no desenvolvimento (na aprendizagem e na interação social) da criança. Em geral, o TEA é descoberto na infância, no início do desenvolvimento, o transtorno é diagnosticado após três anos, mas é possível que os pais identifiquem os sintomas antes (OLIVEIRA, 2020).

O autismo tem como parâmetros algumas características que podem ser observadas, mesmo sendo ciente que variam de caso a caso, sendo de possível observação crianças com dificuldades de interação social, dificuldades na aprendizagem, uso incansável de sinais sociais, emocionais e de comunicação, também tem falta de reciprocidade afetiva, atraso na comunicação verbal e não verbal, há vários graus de autismo, desde o mais leve, em que o autista apresenta elevadas habilidades intelectuais, ao mais grave, em que a fala é afetada.

Contextualizando, considera-se que a educação para crianças autistas é uma atividade difícil, pois exige adaptações de ordem curricular além de devidos cuidados e acompanhamento dos docentes e da família. Assim, a educação escolar do autista deve ocorrer de forma sistemática e organizada, com passos previamente estabelecidos, o ensino não deve ser teórico e metódico e sim de forma agradável e que desperte interesse na criança.

A fim de tornar acessível a esses grupos os saberes e vivências que outrora foram negados, e se tratando de pessoas com autismo, isso implica em mudanças não só de postura, mas também de adaptação de currículo, de estrutura e organização do trabalho pedagógico, bem como de adequação do tempo e do espaço escolar.

A importância da inclusão dessas crianças em escolas regulares consiste em promover experiências de socialização em atividades diárias, tornando-as o mais independentes possível.

Outro recurso que é ofertado nas escolas de ensino regular são as salas de recursos multifuncionais, que são disponibilizadas com o objetivo de garantir o atendimento especializado com materiais pedagógicos adaptados, flexibilizando o currículo.

Durante a minha trajetória no curso de Pedagogia tive a oportunidade de trabalhar como professora auxiliar em escolas de educação infantil desde os primeiros períodos do curso, o que possibilitou uma vivência diária com as práticas inclusivas em escolas regulares e, em especial, possibilitou a observação do acolhimento às crianças com autismo. Essa vivência despertou o meu interesse pela

temática da educação especial e, principalmente, pela inclusão escolar de alunos com TEA.

A partir dessa vivência surgiu um importante questionamento, que constitui o problema desta pesquisa: como as pesquisas mais recentes na área da educação inclusiva vem formulando as estratégias pedagógicas para inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista?

Visando responder a este problema, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar a literatura especializada sobre as estratégias pedagógicas para a inclusão do aluno com TEA. E como objetivos específicos: compreender os conceitos e fundamentos que delimitam o transtorno do espectro autista e, ainda, verificar quais estratégias para inclusão escolar do autista vem sendo proposta pela literatura.

Com o intuito de alcançar esses objetivos, este estudo foi desenvolvido no formato de uma pesquisa bibliográfica com base em material já publicado, em especial, livros e artigos científicos. Buscou-se realizar um levantamento de um conhecimento já sistematizado e em fontes mais atualizadas, principalmente em publicações científicas a partir do ano de 2020.

Este artigo está organizado da seguinte forma: inicia-se falando do TEA, identificando o contexto histórico, as características e informações que permitam entendimento sobre o tema. Em seguida, o texto aborda estratégias de inclusão pedagógicas que o professor poderá adotar para trabalhar com esse aluno, tendo por base fontes bibliográficas mais recentes e relevantes sobre o tema. Após, finaliza-se o trabalho com as considerações finais.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E A INCLUSÃO ESCOLAR

O autismo ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por um desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades (BRASIL, 2022).

Esse transtorno geralmente afeta as capacidades sócio comunicativas do indivíduo, ou seja, os autistas têm dificuldades para se comunicar e interagir socialmente.

De acordo com o mais recente Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), há vários graus de autismo, desde o mais leve, em que os autistas apresentam elevadas habilidades intelectuais, ao mais grave, em que a fala também é afetada (APA, 2013). Por isso, alguns autistas conseguem aprender em minutos conteúdos que nunca estudaram antes, porque o processamento do cérebro é diferente, mas, mesmo assim, tem dificuldades comunicativas, como não conseguir entender a linguagem figurada.

Kanner observou crianças com uma inabilidade no relacionamento interpessoal que a diferenciava de outras patologias, bem como atraso na aquisição de fala e dificuldade motoras. Ele definiu o autismo como uma patologia que se estruturava nos dois primeiros anos de vida, o que ocasionou o interesse da psicanalista na relação da mãe com o bebê. (CUNHA, 2011, p. 20)

O autismo é identificado na infância, pois as crianças com autismo

apresentam dificuldades de manter coordenação entre os canais comunicativos como por exemplo: a voz, o olhar e os gesto tendo uma dificuldade de manter um contato visual direcionado quando os adultos apresentam um objeto na hora da brincadeira, outro sintoma comum do autismo são os comportamentos repetitivos e a necessidade de manter um rotina rígida, com horários fixos e com a mesma forma de lidar com situações. Durante longo tempo, pensou-se que a causa do transtorno estivesse relacionada a problemas psicodinâmicos entre mãe e filho (PAPIM, 2020).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), caracteriza o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento que surge na primeira infância com atraso na fala, dificuldades no convívio social, irritação em locais cheios ou com muito barulhos, objetos incomuns costumam chamar mais atenção (APA, 2013).

No segundo ano de vida da criança, os sintomas tendem a se manifestar de forma mais intensa, por exemplo, atraso maior na fala, dificuldade de brincar usando imaginação, fascínio por algum objeto ou som, como por exemplo roda, luzes de natal. A textura, o cheiro, o gosto, a forma ou a cor de um objeto também podem desencadear um interesse específico na criança com autismo. (TEIXEIRA, 2016)

O TEA também é caracterizado por um desligamento do mundo real, criando um mundo só para si mesmo, dificuldades em se relacionar com pessoas e situações ao seu redor. O diagnóstico requer uma observação mais sistemática a respeito, podendo ser feita através de entrevistas com pais, professores e demais pessoas do convívio social (VIEIRA; BALDIN, 2017).

2.1 Inclusão Escolar

Muitos estudos e esforços, têm sido feitos com o objetivo de construir uma escola inclusiva, que respeite as diferenças e promova o desenvolvimento global de todos. Entretanto, a inclusão das pessoas com autismo, tem se apresentado como umdos maiores desafios dada as especificações, dificuldades e limitações que vêm surgindo ao longo do tempo, especialmente do ponto de vista comportamental dessegrupo.

O termo inclusão, articula-se aos direitos humanos e democráticos, sob influências locais, globais, ideológicas, econômicas, sociais e culturais. (NOZU; BRUNO; CABRAL, 2018).

Por se tratar de um transtorno disruptivo o padrão de comportamento de crianças com TEA, pode variar de grau, a sensibilidade auditiva e desconforto em ambientes cheios e barulhos altos podem ser um grande prejudicial a sua inclusão. No entanto, é de suma importância que a escola esteja apta para receber esse aluno.

Sugerindo a criação de políticas públicas de inclusão, Garcia, Bacarin e Leonardo (2018) apontam que a escola possui o compromisso do atendimento à diversidade humana. De modo geral, implica também em promover mudanças pedagógicas, pois é preciso aprimorar o currículo.

A inclusão da criança com autismo nas escolas tem sido bastante discutida no âmbito educacional devido à complexidade das características e dificuldades apresentadas por elas quando inseridas no ambiente escolar.

Neste sentido, se faz necessário que o professor esteja capacitado para entender as diversas situações que encontrarem em seu âmbito de trabalho, seja ele público ou privado, escola regular ou especializada. As ações pedagógicas não são

orientadas pelas leis: esse seria um desvio da função social da escola, do professor e desse conjunto de regras, mas é expressão das constantes relações entre o ato de ensinar e o de aprender (PAPIM, 2020).

A escola enquanto instituição educativa precisa estar preparada para incluir as crianças, não apenas lhe permitindo o acesso, a fim de aumentar as estatísticas de autismo, mas também reconhecendo as suas diferenças, limitações e necessidades, procurando se adequar a elas para melhor atendê-las. A integração do autista na escola é fundamental para que tenham uma educação digna.

A educação inclusiva é marcada por leis de diretrizes que conduzem os educadores no seu exercício pedagógico a atuarem dentro das limitações características apresentadas pelos diferentes transtornos.

De acordo com a LDB 9394/96 em seu artigo 59, inciso III:

É garantido ao educador com necessidade especiais “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Após vigorar a lei de inclusão, teve um grande aumento de alunos incluídos na rede ensino regular, cresce cada vez mais, mas o fato desse número ter crescido não significa que sempre o aluno está sendo inserido da maneira que se deve ser inserido, e que o aprendizado está sendo absorvido pelo o aluno

Para Cunha (2011), faz-se necessário observar que uma criança com autismo, que frequenta somente a classe especial em uma escola inclusiva, tem sua potencialidade de socialização severamente limitada. Diante de uma inclusão adequada mesmo que uma criança apresente deficiências cognitivas e apresente dificuldades em relação ao conteúdo curricular da educação comum, como pode ser o caso do autismo, beneficiar das experiências sociais, que pode torná-las mais independentes.

2.2 A formação do professor diante da educação inclusiva

A formação do docente é fundamental para o processo inclusivo, pois exige uma grande transformação no ambiente educacional, proporcionando possibilidade do professor adquirir um novo olhar diante da diversidade.

Na verdade, a inclusão escolar inicia-se pelo professor. Percebemos que com a necessidade da educação inclusiva, criam-se leis, mas, nem sempre, existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola. (CUNHA, 2011, p.58)

De acordo com Pimentel e Fernandes (2014), os professores, com a prática, aprendem a lidar com o aluno com deficiência, porém, não contam com conhecimento teórico que apoie essa prática. Tendo que ser preparados continuamente, pois ele estará envolvido em situações específicas, compreendo que os alunos de uma mesma sala não são iguais, que possuem diferentes modos de aprender.

Todavia alguns fatores como falta de conhecimento sobre o TEA, como rótulos e interpretações equivocadas, interferem no currículo e na prática. Para Angelo Antonio Puzipe Papim (2020), é comum para o professor de Educação Especial atuar

sobre o déficit, sem considerar o potencial de desenvolvimento e aprendizagem, deixando esses fatores de lado, no planejamento pedagógico.

São diversos os aspectos que necessitam ser melhorados para que a educação de alunos com DEA se torne mais efetiva. Um desses aspectos envolve uma rede específica de apoio aos professores, a presença de monitores ou professores, adaptações curriculares e medidas para facilitar a comunicação e o trabalho entre os profissionais envolvidos. (PIMENTEL; FERNANDES, 2014, p. 172).

Uma concepção inovadora em suas práticas pedagógicas, pode contribuir com um espaço mais inclusivo, assegurando uma formação mais humanizada. (PIMENTEL; FERNANDES, 2014). Faz-se necessária uma reforma aprofundada nos cursos de formação, para que as pessoas por eles formadas possam, elas próprias, tornarem-se agentes de mudança na escola.

De acordo com Papim (2020), conhecer a atmosfera da Educação Especial torna possível identificar e desempenhar as funções institucionais determinadas, para que atuem em consonância com elas e com as necessidades produzidas pelo ensino e pela aprendizagem. Exigindo do educador capacitações e estudos frequentes, já que diante do comprometimento do transtorno o educador necessita refletir e avaliar suas ações diariamente.

É fundamental para o professor entender o perfil individual do comportamento de cada criança e adotar expectativas realistas sobre seu desenvolvimento passando a ter esperanças no processo de aprendizagem. Para uma inclusão eficiente, é fundamental a atuação do professor e o preparo dele como mediador e o papel da escola como o espaço propício para isso. (PIMENTEL; FERNANDES, 2014)

2.3 O Papel do professor como mediador

A função do professor, na perspectiva dos autores estudados, é tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades deste (PAPIM, 2020). Desenvolver o ensino estruturado para educar o perfil de aprendizagem individualizado, demanda estabelecer parcerias para tomada de decisão a respeito de qual modelo educacional adotar, para realizar o planejamento pedagógico.

Muitas vezes, elas apresentam atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais especializados e individualizados. Em muitas situações as crianças com autismo ficam à margem do conhecimento ou não participam das atividades grupais, fato que exige do professor sensibilidade para incluí-lo ao convívio com o meio, visto que é o processo de socialização que constitui o desenvolvimento e aprendizagem.

É importante que o professor detecte as dificuldades existentes e investigue o nível de desenvolvimento dos mesmo, para que dessa forma ele saiba quais aspectos devem ser trabalhados com a criança. O vínculo afetivo, a princípio, forma-se unilateralmente nessa relação, via única do professor para com a criança com TEA (PAPIM, 2020).

O professor como peça principal do ensino aprendizagem, precisa ter sensibilidade e serenidade para promover em sala de aula a consciência de atos inclusivos, buscando contribuir, dessa forma, no desenvolvimento e aprendizagem. Eugênio Cunha (2011), afirma que podem existir atividades ou habilidades especiais, na família e na vida, que poderiam ser treinadas também na escola, utilizando-se de um currículo funcional e prático.

O que vemos na realidade educacional, é que a formação de professores não oferece uma base sólida nos aspectos teóricos e práticos, de modo, que poucos professores possuem uma formação básica centrada na inclusão ou necessidades diferenciadas e conhecimentos necessários para ensinar a criança com autismo.

Além de estudar e analisar o desenvolvimento da criança com autismo, o professor tem a incumbência de tornar a sala de aula um ambiente inclusivo, possibilitando às crianças o conhecimento das diferenças e o incentivo para que elas desenvolvam a solidariedade. O professor deve desenvolver na criança a autoconfiança e a independência, pois são características ausentes em sua personalidade, e também de desenvolver atividades de acordo com o grau de conhecimento da criança, para que ela possa desempenhar as atividades de forma correta, possibilitando o surgimento de novas aprendizagens e o avanço no desenvolvimento de atividades escolares.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, optou-se pela metodologia da pesquisa bibliográfica (METRING, 2010), partindo-se de uma abordagem qualitativa com a finalidade de conhecer diversas formas de contribuições científicas já produzidas sobre determinado assunto, visando encontrar dados atuais e relevantes sobre o tema em investigação, neste caso as práticas pedagógicas para a inclusão escolar do aluno com TEA.

Para esse fim, foi utilizado exclusivamente o material já elaborado e disponível em sites da internet, em especial livros, monografias e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica oferece suporte para a ampliação do conhecimento, por ser mais ampla do que a análise documental (METRING, 2010), bem como, por realizar a análise do ponto de vista de variados autores que discorrem sobre o tema, se constituindo como fundamental e indispensável ao aprofundamento teórico na temática investigada.

A pesquisa bibliográfica realizada iniciou-se com a busca de trabalhos científicos em sites especializados em divulgação científica como o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o *Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES). Utilizou-se como chaves de busca nesses sites, os termos “autismo”, “TEA” e “estratégias de inclusão”. Visando encontrar resultados mais atualizados sobre essa importante temática, foi delimitado como período de publicação das pesquisas os anos 2019 a 2022.

Após a realização dessa busca inicial, foram separadas as obras que tinham como resultado a proposição de estratégias e práticas pedagógicas para inclusão escolar do aluno autista, resultando em cinco trabalhos separados, dos quais três foram escolhidos como mais relevantes para serem analisados neste estudo.

A análise das pesquisas escolhidas foi realizada tendo por base os conceitos apresentados no referencial teórico estudado, que trata das características

dos alunos com TEA e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

Após a leitura completa dos trabalhos escolhidos, procurou-se destacar os principais resultados encontrados pelos autores no que tange às estratégias pedagógicas de inclusão escolar dos alunos com TEA.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tem-se observado que muitas escolas têm criado seu planejamento para que o aluno com autismo seja incluído, porém, podemos ressaltar que o trabalho de inclusão vai muito além e precisa de práticas inovadoras, refletindo diretamente na forma como o professor está preparado para lidar com qualquer tipo de situação. Mais do que ensinar, a escola possui o importante papel de ser o local dos primeiros grupos sociais dos pequenos (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Nesse sentido, esta pesquisa procurou realizar um levantamento das fontes mais atualizadas acerca de quais estratégias pedagógicas para inclusão escolar do aluno com TEA.

Dentre os variados trabalhos científicos encontrados durante o levantamento bibliográfico, destacaram-se os seguintes:

- **Percepções, desafios e práticas da inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista** (MINATEL et al. 2019) - Pesquisa publicada no formato de um artigo científico que teve como principal objetivo identificar a percepção que profissionais de uma escola de ensino fundamental têm em relação ao autismo. Baseando-se em uma metodologia de pesquisa ação, os autores integraram-se à rotina escolar, envolvendo-se de modo cooperativo ou participativo. Os resultados revelaram concepções sobre o autismo ligadas aos déficits e prejuízos da criança, tendo maior dimensão na análise, as ações individuais e coletivas para construção de espaços inclusivos. Ademais, teve destaque a reflexão acerca das contradições entre as políticas educacionais e as possibilidades de realizar práticas educacionais mais humanas e inclusivas.
- **Criatividade nas práticas pedagógicas e inclusão escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA: revisão bibliográfica** (LIMA, 2021)
 - Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na qual a autora buscou estabelecer um diálogo entre a proposta da Educação Inclusiva e a reconfiguração do atendimento escolar ofertado a pessoas com deficiência e ainda, discutir propostas pedagógicas favorecedoras da inclusão escolar da pessoa com TEA.
- **O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA)** (REZENDE; SOUZA, 2021) - Pesquisa que apresenta o formato de um artigo científico e visa uma fornecer uma visão geral sobre o autismo, bem como sinalizar para a inclusão do aluno autista em escolas regulares. Os autores explicam as causas do comportamento singular das pessoas com autismo, e ressaltam que a inclusão é possível e deve ser realizada de forma

especializada. Apresentam ainda, que atualmente as intervenções utilizadas para promover o desenvolvimento e a aprendizagem desse público são: TEACCH, ABA e PECS. Destacam que o autismo é um transtorno complexo e, portanto, não existe uma terapia ou método isolado que atenderá as demandas da pessoa com TEA. Os autores ressaltam que é preciso fortalecer os vínculos entre família, escola, cuidadores e terapeutas para que deste modo, juntos possam criar uma melhor estratégia de intervenção para o ensino de habilidades que vise melhorar o desenvolvimento da criança.

De fato, de acordo com os teóricos estudados, o TEA tem como foco principal o diagnóstico, que é feito através de uma observação mais detalhada sobre o comportamento, incluindo entrevista com responsáveis pela criança, familiares e professores, quanto mais cedo se tem o diagnóstico mais chance de evoluir. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), destaca que o TEA somente é diagnosticado quando os déficits característicos de comunicação social são acompanhados por comportamentos excessivamente repetitivos, interesses restritos e insistência nas mesmas coisas (APA, 2014).

Faz-se necessário uma equipe preparada para que esse diagnóstico seja feito, uma equipe com: psicólogos, fonoaudiólogos e pedagogos que vão auxiliar no contexto social e afetivo, registrando informações sobre o parto e de todos os sinais que chamaram atenção dos pais desde de seus primeiros meses de vida. Para Gadia,

Tuchaman e Rotta (2004) é essencial trabalhar com psicólogos e educadores bem treinados em análise comportamental funcional e em técnicas de mudança de comportamento.

Tendo em vista o exposto, observou-se que a inclusão escolar do aluno com TEA pode se apresentar como um grande desafio para a instituição educacional. No entanto, constatou-se que não se trata de algo impossível, mas de um desafio à formação continuada dos profissionais da educação, pois entende-se que buscar conhecimento se constitui como um elemento indispensável no processo escolar inclusivo. Além disso, também é preciso efetivar as políticas, garantir uma gestão educacional comprometida com a inclusão escolar para que as escolas se reorganizem em todas as dimensões visando a organização de práticas pedagógicas inclusivas.

As pesquisas estudadas revelaram que a prática pedagógica desenvolvida nas escolas precisa adequar-se e valer-se da criatividade e subjetividade dos professores e demais profissionais da educação para que possa atender com eficiência aos alunos com deficiência, dentre os quais aqueles que apresentam TEA.

A escola precisa redimensionar suas ações, deixando de centrar-se no ensino padronizado e buscando considerar a diversidade dos alunos, possibilitando a aprendizagem de todos, independentemente de suas características, sejam elas marcadas pelas potencialidades ou limitações.

O tratamento deve ser feito e é de suma importância, através de recursos e alternativas como terapia que aumenta as habilidades sociais do indivíduo, e isso possibilitará melhor forma de comunicação e expressão, melhorando sua inclusão em ambientes sociais. A inclusão deve ser concretizada na forma de programas de capacitação e acompanhamento contínuo, que orientem o trabalho do docente, na perspectiva da diminuição gradativa da exclusão escolar (PIMENTEL; FERNANDES, 2014).

A importância na inclusão escolar do autista, sentimento e da práticas

docente, dificuldades relacionadas na presença de crianças com autismo em sala de aula, para alguns educadores o processo de inclusão refere-se na aprendizagem de habilidades funcionais e não em conteúdos formais, o ensino torna-se complexo em virtude ainda da dificuldade impostas pelo próprio espectro, que envolve déficits nas áreas de comportamento, socialização e comunicação. Para Pimentel e Fernandes (2014) os fatores em destaque que dificultam a educação da criança deficiente incluem aqueles inerentes ao próprio indivíduo, à pessoa do professor e à estrutura escolar atual.

Diante disso implica na necessidade do professor conhecer e construir primeiramente um vínculo com seus alunos, que é entender, e aceitar para que então seja criadas estratégias de ensino em benefício do aluno e da turma, o planejamento desenvolvidos por sua vez tem uma escassez, muitos não sabem como trabalhar com alunos autista e faz uso de matérias respetivos e infantilizados assim torna-se fundamental que o professor tenha conhecimento sobre sua prática pedagógica. De toda forma, alguns estudos sugerem que, com educação apropriada, mais crianças autistas são capazes de utilizar as habilidades intelectuais que possuem para avançar em níveis acadêmicos (BOSA, 2006).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos de autismo e educação devemos nos conscientizar que tanto o professor como a sociedade ainda tem um longo caminho a trilhar em busca da inclusão de autistas em escolas de ensino regular, pois há sim uma grande dificuldade e preconceitos encontrados.

Com relação a práticas pedagógicas, pode-se afirmar que o professor como mediador do ensino-aprendizagem deve estimular seus alunos a aprender utilizando-se de práticas inovadoras, dando um norte para que o aluno explore suas habilidades.

A partir do que foi tratado neste artigo, pode-se afirmar que, para uma inclusão escolar de qualidade, é necessário um ambiente acolhedor com uma estrutura eficiente e planejamento de ação, para uma oportunidade de crescimento emocional e cognitivo da pessoa com TEA.

A participação do aluno com autismo influencia diretamente na inclusão não só escolar, mas social, para ter uma vida melhor em todas as áreas possíveis, defendo a inclusão possibilitando a ter uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSA, C. **Autismo**: Intervenções Psicoeducativas. In: Brazilian Journal Of Psychiatry, Maio/2006.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 3 ed. Rio de Janeiro. 2011.

LIMA, R. S. A. de. **Criatividade nas práticas pedagógicas e inclusão escolar do aluno com transtorno do espectro autista - TEA: revisão bibliográfica.** Monografia. UFRN - Caicó, 2021.

MARTINS, M. R. R. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular: concepções e práticas pedagógicas de professores regentes.** Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2007.

MINATEL, M. M. *et al.* **Percepções, desafios e práticas da inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista.** Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial. v.6, n.2, p. 77-92, Jul.-Dez., 2019.

NOZU, W. C. S., Bruno, M. M. G.; Cabral, L. S. A. **Inclusão no Ensino Superior: políticas e práticas na Universidade Federal da Grande Dourados.** Psicologia Escolar e Educacional, 22(spe), 105-113. 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018056>.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista.** Revista Educação Pública, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>.

PAPIM, A. A. P. **Autismo e aprendizagem: os desafios da Educação Especial.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PIMENTEL, A. G. L.; FERNANDES, F. D. M. (2014). A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Audiology: Communication Research*, 19(2), 171-178

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L.T. **Mundo singular: entenda o Autismo.** Fontanar, 2012.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo** 1. ed. - Rio de Janeiro : Best Seller, 2016.